

Programa “Falas de Acesso”: o audiovisual como dispositivo de resistência na TV aberta¹

Ana Paula Goulart de Andrade²

Iluska Coutinho³

Ana Clara de Lima Tavares⁴

Julia Motta Cavalcanti⁵

Naiara Maria Souza do Monte⁶

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

RESUMO

Esta pesquisa foi iniciada a partir da experiência da disciplina Audiovisual e Alteridade, oferecida no segundo semestre de 2024, no curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ.⁷ Partindo de conceitos basilares sobre alteridade, comum e estudos do audiovisual, o trabalho analisa o Programa “Falas de Acesso”, que faz parte do “Projeto Falas”, da Rede Globo de Televisão. Com a adoção do método da AMA - Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2018), a proposta se sustenta a partir de três eixos de análises: estética, discursividade e estrutura. A metodologia se amplia com a conjugação de uma entrevista semiestruturada com a apresentadora do programa Flávia Cintra para a obtenção de pistas sobre os bastidores da produção. As primeiras percepções indicam o audiovisual como instrumento de resistência ao capacitismo, principalmente, ao dar protagonismo às pessoas com deficiência dentro das rotinas de produção audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: produção audiovisual; alteridade; resistência; TV aberta; “Falas de Acesso”.

INTRODUÇÃO

Não é novidade que a televisão brasileira já nasceu como algo excludente e restrito às elites. Ao longo dos seus 74 anos de existência a sociedade vem experimentando profundas transformações (Becker, 2016). Entretanto, em sua maioria, os produtos

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos Audiovisuais, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

²Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e-mail: goulartdeandrade@ufrj.br

³Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, email: iluska.coutinho@ufjf.br

⁴Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e-mail: anaclaradlt@gmail.com

⁵Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e-mail: juliamotta@ufrj.br

⁶Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e-mail: naiaradomontee@ufrj.br

⁷ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no Enejor, Encontro Regional de Jornalismo da ABEJ - Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo, considerando se tratar de um excelente fórum para discutir sobre a relevância da temática em sala de aula (Tavares, *et al*, 2024).

audiovisuais exibidos em TV aberta tendem a reproduzir estereótipos e formatos estabelecidos promovendo, por muitas vezes, a exclusão social.

Em análise do Programa “Falas de Acesso” da Rede Globo, durante a disciplina de Audiovisual e Alteridade, ofertada no segundo semestre de 2024 pelo Curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, foi possível experienciar um movimento bastante significativo e inédito na TV. Essa percepção é voltada tanto para as rotinas de produção, ao destacarem uma equipe formada em sua maioria por pessoas com deficiência; quanto ao consumo ofertado em uma TV aberta.

Assim, utilizando a revisão bibliográfica sobre alteridade, a questão do comum e estudos do audiovisual, conjugando com a metodologia da Análise da Materialidade e entrevista semiestruturada, esta pesquisa nasce com o objetivo de compreender como que o audiovisual pode (e deve) servir como um instrumento de combate ao capacitismo e outras formas de preconceito.

POR DENTRO DO “FALAS DE ACESSO”

O Brasil tem 18,6 milhões de pessoas com deficiência, segundo o IBGE⁸. Considerando a invisibilidade imposta no corpo social e o silenciamento midiático sobre essa temática, a jornalista e apresentadora do programa Flávia Cintra, em entrevista semiestruturada aplicada exclusiva para a produção desta pesquisa⁹, destaca que “a pauta sobre deficientes é a última a ser tratada” dentro da nossa sociedade (Cintra, 2024).

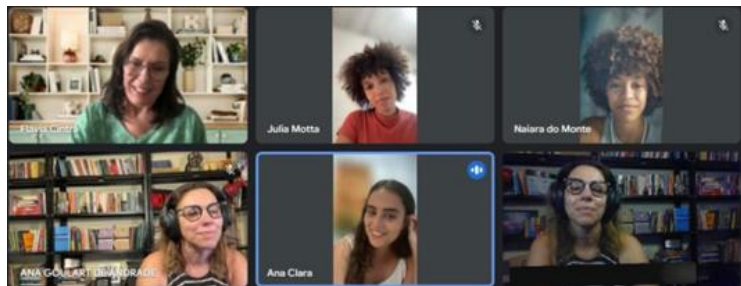


Fonte: Jornal O Globo.

⁸ Ver em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/07/07/brasil-tem-186-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-cerca-de-89percent-da-populacao-segundo-ibge.ghtml>: Disponível em: 20 de novembro de 2024.

⁹ Entrevista concedida às autoras, realizada de forma online via meeting, no dia 20 de novembro de 2024. (Cintra, 2024).

O programa especial “Falas de Acesso” estreou em 23 de setembro de 2024, na semana que marca o Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência. Ativista da causa, Flávia Cintra fez questão de reforçar que a equipe responsável pela execução do produto audiovisual do programa é constituída por profissionais de diversas áreas (jornalistas, roteiristas, atores e influenciadores do ambiente digital) e são, na maioria, pessoas com deficiência, garantindo representatividade nas diversas camadas do fluxo de trabalho: consultoria, redação, produção e conteúdo, reforçando o lema da Organização das Nações Unidas “Nada sobre nós, sem nós” (Cintra, 2024)¹⁰.



Fonte: Print de entrevista realizada via on-line em 20/11/2024.

O ineditismo da formação de uma equipe composta por pessoas com deficiência, marca um importante movimento da televisão brasileira, indicando a transformação no campo audiovisual:

Um ponto importante, que eu acho que vocês notaram, é sobre a transversalidade. Se você der um zoom na imagem de abertura, você vai ver todos os tons de pele, pessoas com idades diferentes. [...] Você tem ali homens, mulheres, indígenas, idosos, pessoas com todos os tipos de deficiência. Todos. Surdo, cegos, cadeirantes, amputados... Você tem também a representatividade orientação sexual, isso chocou muito. (Cintra, 2024.)

A edição especial sobre pessoas com deficiência faz parte do “Projeto Falas”, da Rede Globo de Televisão, que já trouxe para as telas outras temáticas interseccionais como: “Falas Femininas”, “Falas da Terra”, “Falas do orgulho”, “Falas da vida” e, mais recentemente, “Falas negras” e aponta o audiovisual como um campo frutífero para o combate à desigualdade, à discriminação, ao racismo e ao capacitismo.

¹⁰ Entrevista concedida às autoras, realizada de forma online via meeting, no dia 20 de novembro de 2024. (Cintra, 2024).

ALTERIDADE E AUDIOVISUAL: MODOS DE VER “O OUTRO”

Em uma simples busca no dicionário online de Português¹¹ é possível obter o resultado do significado de alteridade: substantivo feminino: “caráter ou estado do que é diferente, distinto, que é outro; “o que torna uma coisa diferente de outra; próprio, particular”; “que se opõe à identidade; que enxerga o outro, como um ser distinto, diferente; originalidade”. Já no campo da filosofia, Lévinas (2005) compreende o conceito de alteridade a partir do pensar no “outro”, em uma perspectiva relacional humana e intersubjetiva com o próximo. Focalizando nos estudos da comunicação, em “Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil”, Sodré (1999) constata como a sociedade brasileira constrói uma identidade excludente e pouco receptiva ao “outro” – aqueles que representam diferenças culturais, sociais ou identitárias. Ele argumenta que essa exclusão não é um processo casual, mas sim sistemático, mantido por instituições e reforçado pela mídia, que promove uma visão homogênea e eurocêntrica da identidade brasileira (Sodré, 1999). O autor discute a formação de identidade e vincula a rejeição da alteridade tensionando proximidade e território. Assim: “abandonando o seu lugar predeterminado, o Outro (o imigrante, o diferente, o negro) é conotado como intruso que ameaça dividir o lugar do Mesmo hegemônico. O Outro é aquele que ‘supostamente não conhece o seu lugar’ - assim se expressa o senso comum discriminatório” (p. 261).

Trazendo a discussão inspirada no espírito comum (Paiva, 1998) para o campo do audiovisual (Coutinho, 2018), este relato ganha forma a partir da experiência em sala de aula sobre Audiovisual e Alteridade. Em um primeiro momento foi apresentado o plano de ensino da disciplina e os textos que seriam debatidos em sala. O objetivo foi despertar a reflexão teórica, a partir da análise empírica de um produto audiovisual. Depois de debates coletivos, escolhemos como objeto de análise o Programa “Falas de Acesso”, da Rede Globo de Televisão¹². Na sequência, fizemos uma primeira análise conjunta comentada. Posteriormente, assistimos individualmente, via *streaming*, pelo repositório da Globoplay, com o intuito de criar percepções autônomas e decidir os eixos de exploração para a aplicação da ficha pelo método da AMA - Análise da Materialidade Audiovisual.

¹¹ Ver em: <https://www.dicio.com.br/alteridade/> Disponível: 20 de novembro de 2024.

¹² Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=QyC6tFFJS2I>. Disponível em: 20 de novembro.

ANÁLISE DA MATERIALIDADE AUDIOVISUAL APLICADA

A metodologia prevê o caminho de análise na movimentação investigativa em três atos. O primeiro busca compreender as promessas do produto audiovisual.

Esse momento de conhecimento do chamado paratexto, ou seja, de compreensão do material em um dado fluxo comunicativo, com as marcas características de vinculação à emissora ou horário de programação, por exemplo, é fundamental para a contextualização do pesquisador, e permite organizar o segundo momento ou ato (Coutinho, Goulart de Andrade, 2022).

O próximo passo sugere a produção de uma ficha como um modelo organizativo de perguntas de pesquisa, a partir da separação em eixos de análise. No caso do trabalho em curso, os eixos foram: a) estética; b) discursividade e c) estrutura. O foco foi buscar uma análise qualitativa. Por último, o método que avalia a unidade texto+som+imagem+tempo+edição indica uma “entrevista com o objeto”, que é, de fato, a aplicação da ficha no corpus do estudo (Coutinho, 2018).

Na tentativa de conjugar métodos, ainda fizemos uma entrevista semiestruturada (Moya; Gaitán & Raigada, 2010) com a apresentadora Flávia Cintra, buscando compreender com mais nitidez os bastidores da produção audiovisual.

PRIMEIROS ACHADOS

Diante da aplicação do método da AMA no produto audiovisual, considerando a exploração dos eixos escolhidos, reunimos as principais percepções, a partir de três perspectivas:

a) **estética**: atenção para o movimento das câmeras e a edição contínua, destacando a cena gravada em um restaurante ao receberem pessoas “sem deficiência” para um experimento de análise do “outro”, privilegiando os sons produzidos pelos equipamentos de mobilidade indispensáveis no cotidiano de pessoas com deficiência. Ainda, a utilização de legenda, libras, audiodescrição e *closed caption* nas exibições, mostrando uma preocupação mais ampla com a adesão da audiência, considerando a proposta do programa.

b) **discursividade**: as falas de abordagem tentaram incluir no repertório discursivo e na interação uma realidade pouco experimentada por pessoas que não têm deficiência. O

esforço demonstra uma forma de letramento para a sociedade que não foi forjada para a inclusão do “outro”, do “diferente”. Do mesmo modo, a adoção do termo “pessoas com normalidade” como estratégia de se colocar no lugar do “outro”.

c) **estrutura:** O uso do experimento social e do humor para chamar a atenção da sociedade sobre a questão da alteridade, sobre o “outro”. Também adota um tom didático para combater o comportamento capacitista da sociedade, que desconhece o cotidiano de pessoas com deficiência. Outro ponto é a inclusão de mulheres, homens, crianças, idosos, indígenas, negros, amarelos, brancos, lgbtqi+, heteros, trans e cis na experiência. As esquetes humorísticas que demonstravam na prática como os estereótipos e a falta de sensibilidade estão no imaginário social. Adoção de um tom pedagógico de ensinamento audiovisual dentro da TV aberta.

A pesquisa em curso trouxe a possibilidade de reflexão crítica sobre o “outro” representado (ou não) nas telas brasileiras. Dessa forma, acreditamos que o programa analisado “Falas de acesso”, ao tratar a inclusão e acessibilidade como temas centrais, rompe uma importante barreira social, emplacando na TV aberta um programa feito para e por pessoas com deficiência, alterando a construção audiovisual da realidade (Becker, 2022). Assim, demonstra a força do audiovisual como um dispositivo potente de produção mais inclusiva, democrática, inventiva e plural, forjando indivíduos mais conscientes e em busca do bem comum.

REFERÊNCIAS

Becker, B. **A construção audiovisual da realidade:** uma historiografia das narrativas jornalísticas em áudio e vídeo. Rio de Janeiro: Mauad, 2022.

Becker, B. **Televisão e telejornalismo:** transições. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

Cintra, F. **Entrevista** concedida às autoras, via on-line, 2024.

Coutinho, I. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual – Da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. *In* Emerim, C; Coutinho, I; Finger, C. (Orgs). **Epistemologias do Telejornalismo Brasileiro.** Florianópolis Insular, 2018.

Goulart de Andrade, A.P. & Coutinho, I. Análise da materialidade audiovisual (AMA): relato sobre as experiências de um método em fluxo para compreender o jornalismo em telas *In: Anais do 21º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo* (Abej). Piauí, 2021.

Lévinas, E. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 2005.

Moya, J. A. Gaitán, & Raigada, J. L. P. **Técnica de investigación en comunicación social**: elaboración y registro de datos. Madrid, España: Editorial Síntesis, 2010.

Paiva, R. **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. Rio de Janeiro. Mauad, 1998.

Sodré, M. **Claros e Escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

Tavares, Ana Clara *et al.*. Audiovisual e Alteridade: uma análise sobre o programa “Falas de acesso”. In: Anais do Encontro Regional Sudeste de Ensino de Jornalismo. Vitória (ES) UFES, 2024.